



**Jamais seremos calados, jamais seremos vencidos: 25 anos depois, os educadores e educadoras ambientais ainda resistem**

Antonio Fernando Silveira Guerra<sup>1</sup>

**Resumo:** Versão revisada e ampliada do discurso de abertura do IX Fórum Brasileiro – IX FBEA e IV Encontro Catarinense de Educação Ambiental - IV ECEA, em 17 de setembro de 2017 na cidade de Balneário Camboriú, Santa Catarina.

**Palavras-chave:** Discurso. Evento. Fórum Brasileiro. Resistência.

**Jamás seremos calados, jamás seremos vencidos: 25 años después, los educadores y educadoras ambientales aún resisten**

**Resumen:** Versión revisada y ampliada del discurso de apertura del IX Foro Brasileño - IX FBEA y IV Encuentro Catarinense de Educación Ambiental - IV ECEA, el 17 de septiembre de 2017 en la ciudad de Balneário Camboriú, Santa Catarina.

**Palabras-clave:** Discurso. Evento. Foro Brasileño. Resistencia.

**We will never be silent, we will never be losers: 25 years later, the educators and environmental educators still resist**

**Abstract:** Revised and expanded version of the opening speech of the IX Brazilian Forum - IX FBEA and IV Catarinense Meeting of Environmental Education - IV ECEA, on September 17, 2017 in the city of Balneário Camboriú, Santa Catarina.

**Keywords:** Speech. Event. Brazilian Forum. Resistance.

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor em Educação Ambiental, doutor em Engenharia de Produção – Mídia e Conhecimento e mestre em Educação. Professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, membro da facilitação nacional da Rede Brasileira de Educação Ambiental – REBEA e coordenador geral do IX FBEA e IV ECEA. E-mail: [guerra@univali.br](mailto:guerra@univali.br)

Saúdo a todas e todas, e às autoridades e educadores que compõem essa mesa de abertura do IX Fórum Brasileiro e IV Encontro Catarinense de Educação Ambiental, já nomeadas pelos anfitriões desse evento, os magníficos Reitores da Univali Prof. Mário César do Santos e da Unifebe, Prof. Gunther Lothar Pertschy. Meus cumprimentos também ao presidente da Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental do Estado de Santa Catarina – CIEA -SC, o amigo Humberto Reolon.

Lembro que um dos nossos ecocidadãos homenageados desse evento, o educador Paulo Freire, citou uma vez em sua fala o líder africano Amílcar Cabral, que atuou nas lutas de libertação e emancipação do colonialismo português na Guiné-Bissau e Cabo Verde, e que deu a própria vida pelas causas em que acreditava. E se agora vivemos igualmente num mundo, e em tempos temerosos e perturbadores no Brasil, em que relembro, Cabral e Freire, quando diziam da necessidade de “descolonização das mentes e dos corações<sup>2</sup>”, é preciso procurar saídas para as crises e alternativas mais sustentáveis, justas e equitativas para superar modelos de vida e de sociedade esgotados, que aprofundam as injustiças atuais e colocam em perigo o presente e o futuro, matando o sonho e a esperança da transformação. E foi na construção do IX FBEA e IV ECEA, que fizemos, amado mestre, esse sonho se tornar possível.

Também Fernando Pessoa nos auxilia a registrar o que foi o percurso de 2014 até aqui, em setembro de 2017, das vivências, interações e aprendizados que esse evento nos proporcionou.

Segundo ele: “O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem, por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”, e eu diria que uma boa parte delas, colegas, amigos e amigas, estão aqui hoje presentes nesse auditório, ou ligadas a nós virtualmente pelo *facebook* dos fóruns, ou pelo coração e emoção.

Quando em dezembro de 2014, na plenária final do VIII Fórum Brasileiro, em Belém, Mara Lucia e eu convidamos todas as pessoas da região Sul para subirem ao palco da Universidade Federal do Pará, e assumirem conosco o compromisso de realizar o IX Fórum Brasileiro de Educação Ambiental em Santa Catarina, e quando em visita aos nossos reitores Mário e Gunther, fomos tão bem acolhidos por eles, não tínhamos a menor ideia dos desafios que iríamos enfrentar.

---

<sup>2</sup> Ver sobre isso o livro de ROMÃO, José Eustáquio e GADOTTI, MOACIR: Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes. São Paulo: Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

Não tínhamos a menor ideia de que hoje estaríamos fazendo coro do grito silencioso de milhões de brasileiros que se perguntam com indignação e tristeza, relembrando o célebre grito de Renato Russo: **Que país é esse?**<sup>3</sup>

Em julho de 2016, nós até tentamos, sem sucesso, adiar esse evento, mas para nossa surpresa, mensagens de amigos como Aloísio Ruscheinsky, Jorge Amaro, e em especial de Michele Sato, dizendo Guerra: “Vai ser duro, mas se há esperanças, vamos nela!”, e assim ao som da célebre música de Almir Sater, nós procuramos “Compreender a marcha e ir tocando em frente”, porque “Cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz<sup>4</sup>”.

Criamos então, em agosto de 2016, uma lista de discussão para planejamento do IX Fórum Brasileiro de EA, e para atuação voluntária de pessoas e grupos como pontos focais da sociedade civil – facilitadores das redes da malha da REBEA, membros do Comitê Assessor do Órgão Gestor – DEA-MMA e CGEA-MEC - das CIEAS, dos núcleos do ICMBio, dos grupos de pesquisa das Universidades – enfim, todos unidos pela ideia força e o compromisso de mobilização e organização das discussões em torno da revisão do ProNEA, e diagnóstico dos programas estaduais e municipais, base de nossa política pública em EA.

Uma das primeiras discussões quando da criação dessa lista de pontos focais em 2016, e também na lista da facilitação nacional da REBEA, foi sobre aceite do convite do ministro Sarney Filho, que infelizmente não pode vir, mas que fazemos questão de reconhecer, pois foi o primeiro a abrir as portas do Ministério do Meio Ambiente para o diálogo com as redes de educação ambiental e as CIEAs, apesar do golpe que a democracia brasileira recebeu com o *impeachment* de Dilma Roussef.

Em nome da REBEA, seguimos para essa reunião em Brasília, recebidos pelo Secretário Edson Duarte, e equipe da DEA de Renata Maranhão, aqui presente nessa mesa de abertura.

Naquela reunião, começamos juntos a pensar em estratégias de fortalecimento das políticas públicas de EA e eu, em nome da REBEA, apresentei o rascunho da proposta da Consulta Pública do ProNEA, e definimos que a mesma estaria na pauta da reunião do Comitê Assessor e Encontro Nacional de CIEAs, realizado no final daquele ano, onde a consulta foi aprovada.

---

<sup>3</sup> “Que País é Este” é uma canção da banda de rock brasileira Legião Urbana, escrita por Renato Russo, em 1978, mas cuja letra continua atualíssima em pleno século 21.

<sup>4</sup> As frases fazem parte da música “Tocando em frente”, de Almir Sater.

Em outubro do mesmo ano, depois do VIII EDEA- Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental - na FURG, nosso querido arte-educador Wagner Passos, apresentou a essas listas o símbolo do nosso Fórum, um beija-flor na cor vermelha, que mesmo demonizada pelo ódio que emergiu das mídias globais que sustentaram o golpe, historicamente é a cor da resistência dos movimentos sociais latino-americanos e europeus, e, portanto, para nós educadores simboliza a dimensão política e ética da Educação Ambiental, ou seja, nossa luta, resistência e mobilização, inspiradas também naquele momento pela “Primavera Secundarista<sup>5</sup>” do ano passado, onde corajosamente os estudantes ocuparam as escolas pelo Brasil afora, iniciando a resistência pelo desmantelamento da Educação Pública no país, que hoje é representada pela resistência ao desrespeito aos direitos constitucionais, ao trabalho, saúde e a uma infância e envelhecimento dignos, e contra a venda do patrimônio público, e da biodiversidade nacional.

Mas o beija-flor, na dimensão espiritual das tradições ancestrais, como a xamânica, simboliza também a cura, o amor romântico, claridade e proteção espiritual, e também nos ensina a suavidade do viver. Viver contemplando tudo que há todas as pessoas, a humanidade, e principalmente nos remete a buscar nosso estado de graça, de relação com o planeta Terra e com o cosmos.

Dessa mobilização simbolizada pelo beija-flor e pelo lema “**nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos<sup>6</sup>**” - e que nós educadores das redes denominamos de nossa RESISTÊNCIA -, foi que na roda de conversas das redes sulinas na ANPED Sul, em Curitiba, e referendada na reunião da CIEA de Santa Catarina, com o apoio do amigo presidente Humberto Reolon, e de Loiva Trombini, que unimos nossas forças para que o IX FBEA e IV ECEA acontecessem em Santa Catarina. E aqui hoje estamos, apesar das crises - econômica, de representatividade e de ética na política -, que estamos vivenciando em nosso país.

---

<sup>5</sup> Ver vídeos no *youtube* com depoimentos dos secundaristas que ocuparam as suas escolas no Brasil entre 2015 e 2016 contra a proposta de reorganização escolar, contra a Medida Provisória 746 de Reforma do Ensino Médio e outras, como o Projeto de Emenda Constitucional 55 que congelou os gastos públicos por vinte anos. Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=TbNgoky5HVY&feature=youtu.be> e o documentário: Primavera: secundaristas em ação: <https://www.facebook.com/primaveraofilme/> ainda em finalização.

<sup>6</sup> O significado dessa frase como lema para o planejamento e realização do IX FBEA e IV ECEA foi muito especial e marcante, embora haja uma polêmica em relação à autoria dessa frase, atribuída por alguns a Ray Kroc, fundador do McDonald's, outros defendem o autor norte-americano Ken Blanchard, uma vez que a frase esta presente em um de seus livros, ou ainda a Warren Bennis que usou uma variação da frase: “*Nenhum de nós é tão inteligente quanto nós todos juntos*”. Fonte: <https://medium.com/@rogersdepelle/nenhum-de-n%C3%B3s-%C3%A9-t%C3%A3o-bom-quanto-n%C3%B3s-todos-juntos-5b45375428a9> Acesso em 07 set. 2017. Mas o fato é que os três se inspiraram em um provérbio japonês “*Nenhum de nós é tão inteligente quanto todos nós*”, citado no livro “*Trabalhando com a inteligência emocional*”, de Daniel Goleman, Ed. Objetiva, 1999.

E só foi possível montar a estrutura logística para a viagem e hospedagem dos 130 convidados desse evento, com a singela contribuição de cada um dos 1900 participantes, e com o generoso patrocínio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Sustentável – SDS, do Governo do Estado, da Fundação de Meio Ambiente – FATMA; de Itaipu Binacional, da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina – FAPESC, Federação das Cooperativas Agropecuárias de Santa Catarina – FECOAGRO, do Ministério do Meio Ambiente – Departamento de Educação Ambiental – DEA, Ministério da Educação- Coordenação Geral de Educação Ambiental – CGEAT; do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, da Agência Nacional das Águas – ANA, e da Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú – SC, além das mais de cem instituições apoiadoras.

– Assim, aqui estamos em defesa da Educação, do Meio Ambiente dos direitos sociais e da dignidade humana, e da utopia possível de viver em igualdade de condições e oportunidades, garantidas na Constituição da República Federativa do Brasil.

– Estamos aqui hoje não mais dispostos a admitir que, mais uma vez na história recente desse país, aconteça o que denunciavam, nos tempos da ditadura militar, os versos de Chico Buarque, de que “Dormia a nossa pátria mãe, tão distraída, sem perceber que era subtraída em tenebrosas<sup>7</sup>”... - e que hoje chamamos de temerosas transações. Como a venda do pré-sal a empresas de petróleo americanas e chinesas -.

Nós educadores e educadoras, não vamos admitir que esses dias e tempos tenebrosos - que poderíamos chamar até de uma nova “ditabranda”- se perpetuem novamente.

Não vamos tolerar que nesses tempos tenebrosos se repitam as tristes manifestações de ódio e discriminação contra as diferenças, o patrulhamento ideológico contra o pensamento divergente, e que “pseudos” movimentos autoritários e reacionários concretizem a tentativa de amordaçar e calar os educadores em seu trabalho pedagógico nas escolas e universidades, seja pela bala, ou pelas interpretações equivocadas e fundamentalistas da Bíblia.

Nós educadores e educadoras, que por meio de redes da malha da REBEA, e como representantes de escolas, universidades, entidades de classe, da sociedade civil e sindicatos de trabalhadores - constituem o Comitê Assessor do Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental-, não vamos calar às ameaças, tanto da extrema direita,

---

<sup>7</sup> Trecho da música “Vai Passar, de Chico Buarque e Francis Hime, em 1984, utilizada como uma das bandeiras de luta do movimento “Diretas já”.

da “escola sem partido<sup>8</sup>”, quanto de qualquer partido for, que defenda qualquer fundamentalismo ideológico, religioso, preconceitos de gênero ou classe social, pois todos somos humanos, todos somos terráqueos, co-partilhando um mesmo planeta, a Gaia dos gregos ou a Pachamama dos povos ancestrais, os quais foram massacrados pela colonização branca-judaica e cristã, que lhes impôs outras línguas e uma única crença, num Deus vingativo, e não no Deus de Amor, da tolerância e do cuidado e respeito com a fragilidade da vida, em todas as suas formas, uma vez que, como diz o Papa Francisco, não podemos servir, ao mesmo tempo, a Deus, e ao deus dinheiro<sup>9</sup>.

Então, afinal, que Educação Ambiental estamos aqui, nesse evento, defendendo e revisitando?

Com certeza reafirmamos nossos compromissos de 25 anos atrás com o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (fórum, 1992), gestado no calor dos movimentos sociais do Fórum das ONGS, em, 1992, o qual celebramos aqui.

Ele já nos ensina, em seu primeiro princípio - e como sempre nos lembra nossa querida Moema Viezer -, de que: **“A educação é um direito de todos, somos todos aprendizes e educadores”**, e esse princípio continua ainda muito vivo e presente em nossas vidas e em nossa práxis.

Quanto as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNEA, de 2012, reafirmamos nossos compromissos de que a “EA é atividade intencional da prática, que precisa fortalecer o caráter social do ser humano e sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, na busca da construção da ética e da cidadania ambiental” (BRASIL, MEC-CNE, 2012).

Reafirmamos o que reza o Art. 14 que a EA deve contemplar uma - abordagem curricular que enfatize “a natureza como fonte de vida e relacione a dimensão ambiental à justiça social, aos direitos humanos, à saúde, ao trabalho, ao consumo, à pluralidade étnica, racial, de gênero, de diversidade sexual, e à superação do racismo e de todas as formas de discriminação e injustiça social”.

---

<sup>8</sup> Segundo Maria da Conceição Silva Soares, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, este e outros movimentos e “propostas de Diretrizes para a Educação, como a reforma do Ensino Médio e a Base Nacional Curricular Comum, buscam instituir escolas despolitizadas, assexuadas, desracializadas, conteudistas e tecnicistas”, organizadas e voltadas para os interesses e necessidades que propõe como naturalmente diferentes pobres e ricos, meninos e meninas”. (In: VIDAL, Haroldo. Crianças e sexualidade: saberes-fazer produzidos dentro-fora das escolas, Ed. Causa, 2017)

<sup>9</sup> “Não se pode servir ao mesmo tempo a dois amos, a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24). Para o Papa Francisco: O Senhor disse claramente: “*Não* podeis servir a dois senhores; ou *Deus* ou as riquezas”. Quando *não* se adora a *Deus*, torna-se adorador de outra coisa. *Dinheiro* e poder são ídolos que muitas vezes tomam o lugar de *Deus*. Fonte: GARCIA, Wander. Pensamentos e reflexões do Papa: 500 frases em 50 lições para você descobrir o que ele pensa. Ed. Artem Vivendi, 2015.

E assim, movidos também pelo aprendizado de Lucie Sauvé, quando esteve no XVI EPEA, em Curitiba, onde solidaria à nossa dor cívica, nos lembrou de que “**Resistir é criar**”, e retomando também seus ensinamentos na década passada, de que “a EA não é outra Educação”, não é, portanto, uma ‘forma’ de educação (uma ‘educação para...’) entre inúmeras outras; “não é simplesmente uma ‘ferramenta’ para a resolução de problemas ou de gestão do meio ambiente”.

Reafirmamos assim com Lucie Suavé, que a EA é uma dimensão essencial da educação fundamental, que diz respeito a uma esfera de interações que está na base do desenvolvimento pessoal e social: a da relação com o meio em que vivemos”,

Nesse auditório, lá no campus da Univali, e nesta cidade de Balneário Camboriú, nós os educadores e educadoras ambientais desse país, reafirmamos que: Jamais seremos calados, jamais seremos vencidos, pois como disse nossa querida Michele Sato, nós repudiamos a “escola sem partido”, reconhecendo que a educação ambiental não é neutra, e que o ambiente não é um qualificador imparcial na construção de políticas públicas. E que a educação ambiental abrange todos os setores, níveis, idades, raças, gêneros ou multiplicidade de sujeitos e valores.

Então como Michele, Lucie e tantos outros, acreditamos que a EA pode ensinar que é necessário Aprender a viver juntos na Casa Comum, a partir de relações de cuidado mútuo e planetárias, além de ser urgente, é de interesse da EA (SAUVÉ, 2016), ou seja, “aprender a viver juntos – entre nós, humanos, e também com outras formas de vida que compartilham e compõem nosso meio ambiente” (op. cit, 2016), e conseqüentemente, lembrando a visão do Papa Francisco e da própria Lucie, que estamos aqui compartilhando “nossa casa-de-vida comum”.

E no que diz respeito ao Plano Nacional de Educação, - PNE (BRASIL, 2014) coerentes com esses princípios e valores do Tratado, da Carta da Terra e da Política Nacional de EA - PNEA que defendemos, é que não podemos admitir a imposição de uma Base Nacional Comum Curricular - BNCC, da forma como está sendo conduzida, até porque nossa luta nessa questão em defesa da Educação Pública vai além dos muros e do território das instituições de ensino.

Essa mobilização conta com o apoio de entidades nacionais que não reconhecem a versão da base como se apresenta, afetando a Educação Infantil, a Educação Básica, excluindo o Ensino Médio do texto, e ameaçando a autonomia dos sistemas de ensino, das escolas e dos educadores do país.

Entidades de classe como a ANPED, UNDIME, ANFOPE e também as redes da malha da REBEA, não aceitam no texto da BNCC; o cartesianismo de um currículo prescrito, conteudista, com áreas de silêncio em seu currículo oculto - quase invisíveis a quem não é da Área educacional -, porque os conhecimentos e a ecologia de saberes e fazeres culturais não podem ser silenciados e ignorados no processo educacional e na formação da cidadania.

E é por isso que esses coletivos fazem coro e não reconhecem a legitimidade do processo de elaboração da BNCC, das suas versões, e questionam o próprio processo de consulta pública encerrada no mês de setembro, em Brasília.

Nós educadores e educadoras fazemos coro, exigindo que se estabeleça um processo mais democrático de discussões, que levem em consideração, por exemplo, as metas do Plano Nacional de Educação, que a Base não contrarie princípios e conceitos expressos nas Diretrizes Curriculares Nacionais, aprovadas pelo próprio Conselho Nacional, como manifestaram os documentos apresentados por essas entidades, e pelo próprio Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina, na audiência pública da BNCC em Florianópolis, no último dia 13 de agosto.

Nesse cenário, não vamos legitimar o que as forças antidemocráticas e pseudo-partidos, que em suas bancadas abrigam canalhas e corruptos, e que pensam que já decidiram e vão nos impor um futuro sombrio para esse país. A eles nós educadores e educadoras dizemos em coro: Jamais seremos calados, jamais seremos vencidos!.

Quanto às questões da Agenda e da Política Ambiental no país, nos juntamos ao grito dos educadores das redes mineira e capixaba, e não vamos calar diante do maior crime socioambiental da história desse país, e mesmo dois anos depois, a Samarco e a Vale, do Rio, que não é mais doce, jamais serão esquecidas e não ficarão impunes.

Nós educadores e educadoras nos comprometemos, de que **jamais serão calados** o grito dos irmãos e irmãs indígenas pela **“Demarcação já!”**, do grito dos quilombolas de **“Nenhum quilombo a menos!”**, e também do grito silencioso dos ribeirinhos, dos pescadores artesanais, dos sem terra, dos sem teto, e que se faz ouvir no grito dos artistas e músicos brasileiros, como Ney Matogrosso e outros, em movimentos em defesa da vida, da ética e cidadania.

Aqui na região Sul, seguiremos resistindo contra a extinção da biodiversidade da Mata Atlântica e do Pampa, e nos unimos aos educadores das redes Mato-grossense, Sul-Matogrossense, pantanal de Goiás, contra a ganância e o discurso do “agro-é-techno+negócio”, a hegemonia do poder econômico e do biopoder, que se entrelaçam e

formam o que Michel Foucault (1993) denominava de “racismo de estado<sup>10</sup>”, aquele que quer deixar morrer os da sua própria espécie, e os deixa morrer porque não consomem, e assim não são sujeitos de direito, e assim surgem os mecanismos de homicídio de Estado, em sua diferentes modalidades, de forma a eliminar, que legitima a eliminação dos indesejáveis, pelo assassinato, pela morte indireta ou pela expulsão de seus territórios e lares, porque não contribuem para o enriquecimento do capitalismo selvagem, e com isso não teriam o direito sagrado à vida.

Não podemos tolerar mais esse racismo de estado que continua a levar a auto-extinção e ao suicídio, irmãos de etnias como dos guaranis-Kaiowás, e num evento como esse, apenas se fazer representar por Merong Tapuruã, pataxó Hã-Hã-Hãe (Pataxó), Teófilo Gonçalves, da Tribo Guarani de Palhoça, Isaías Vanhecu Weitcha, representando os Xokleng/Laklano, e por Darci Emiliano, cacique e doutorando em Educação Ambiental pela FURG.

Não podemos tolerar mais o estado de mendicância de algumas etnias indígenas que expulsos de suas terras engrossam a legião dos desabrigados que perambulam pelas ruas e viadutos do país, e por não poder mais tolerar esse desrespeito à vida, é que nos unimos ao grito dos educadores das redes do Acre, Amazonas, Pará, de Rondônia, Roraima, Rio Grande do Norte, Paraíba e da Bahia, aqui presentes, contra o assassinato de populações indígenas, tradicionais, dos sem-terra, e dos sem moradia.

Não podemos tolerar, e por isso nos unimos com os educadores e gestores do ICMbio, IBAMA, e representantes da sociedade civil no Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA, e seguimos denunciando o afrouxamento do licenciamento ambiental de grandes empreendimentos no país, da pressão insana e especulativa do agronegócio sobre as áreas e reservas naturais, e a um ano da Conferência Mundial, nos posicionamos firmemente contra a privatização da água, que é um direito humano,

Continuamos sensibilizando e despertando a consciência crítica das pessoas sobre a contaminação e envenenamento dos solos e dos alimentos pelos agrotóxicos<sup>11</sup> e transgênicos, pois temos a agroecologia e a economia solidária aqui presentes nesse

---

<sup>10</sup> Segundo Foucault (1993, 2008) o racismo de estado se caracteriza como forma de regulamentação que está muito além do poder disciplinar, ao qual compete, em primeiro lugar, produzir censuras no tecido social com base em parâmetros biológicos, e com base nisto decidir o que deve viver e o que deve morrer. Ver também: PASSOS, Izabel C. Friche (org.), Poder, normalização e violência: Incursões foucautianas para a atualidade. Ed. Autêntica, 2008.

<sup>11</sup> Ver sobre a temática o Dossiê ABRASCO “Um Alerta Sobre os Impactos dos Agrotóxicos na Saúde, da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) Disponível gratuitamente por meio do link: [http://www.abrasco.org.br/dossieagrotoxicos/wp-content/uploads/2013/10/DossieAbrasco\\_2015\\_web.pdf](http://www.abrasco.org.br/dossieagrotoxicos/wp-content/uploads/2013/10/DossieAbrasco_2015_web.pdf) Acesso em 06 set. 2017.

evento, demonstrando que um outro mundo, e uma outra lógica, são possíveis, necessárias e urgentes<sup>12</sup>.

E como educadores e educadoras, prometemos **que jamais será calado, jamais será vencido** o grito dos pesquisadores e educadores das redes do Estado do Rio de Janeiro, de que “**A UERJ RESISTE!**”.

Como educadores e educadoras, mantemos firme a luta contra a injustiça ambiental, e outras bandeiras mais recentes, retomadas pela Rede paranaense, Linha Ecológica, REASUL e REASE, contra a redução dos limites de áreas de conservação, como da Escarpa Devoniana no estado do Paraná.

E seguimos em frente com as demais redes da malha da REBEA, e com a Juventude da REJUMA, contra a antipatriótica e autoritária liberação de áreas da Amazônia para a mineração<sup>13</sup>, para especulação e exploração da biodiversidade brasileira, em nome dos interesses do capital transnacional.

Nós educadores e educadoras jamais seremos calados, jamais seremos vencidos diante do sucateamento e a privatização das escolas e universidades públicas, resistiremos à precarização do trabalho docente, e não nos calaremos diante das injustiças contra os deficientes, idosos, e com os sem aposentadoria, bem como com os milhões de desempregados e miseráveis, excluídos dos direitos humanos à saúde, saneamento, ao trabalho, e uma vida dignas, como determinam as Declarações Universais da ONU e a Constituição desse nosso país.,

Jamais seremos calados, jamais seremos vencidos, pois cada grito pela injustiça, a cada dia será lembrado por cada educador e educadora comprometido com a transformação da sociedade, pois como nos ensinou e repetiu nosso mestre Paulo Freire: "A educação sozinha não transforma a sociedade; mas, sem ela, a transformação não acontece" (FREIRE, 2000, p. 75).

Enfim, nós educadores e educadoras não somos pessimistas, fundamentalistas ou totalitários, nem mesmo ecochatos e biodesagradáveis, como duas ex-ministras nos rotularam em governos recentes, mas esperamos e lutamos pacificamente, em cada chão de escola, e de fábrica, em cada território desse país, para que o Brasil não se converta em

---

<sup>12</sup> Inspirados no “*Outro Mundo Possível*”, lema do Fórum Social Mundial, em Boaventura de Souza Santos (2014): “Uma coisa é certa: a ideia de *um outro mundo possível* nunca foi tão *urgente e necessária* e reside nela a última reserva democrática do mundo”- A cor do tempo quando foge: Uma história do presente - Crônicas 1986 - 2013, Cortez Editora, 2014.

<sup>13</sup> Por pressão dos ambientalistas, sociedade e órgão internacionais o governo federal acabou recuando dessa liberação.

uma “Nau dos desesperados”, a Balsa de Medusa do célebre quadro de Théodor Géricault, mas em uma pátria sustentável, tolerante e com justiça socioambiental.

Portanto, nós educadores e educadoras ambientais, queremos deixar como herança a nossos educandos, filhos e netos, um Brasil sem medo, sem preconceitos, tolerante, inclusivo, sustentável de fato, e com justiça social, porque o que nos move é o desejo e o compromisso em defesa da vida, e a amorosidade e esperança, para as quais nos inspirou Paulo Freire, divulgado por Cortella (2005), quando disse:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo **esperançar**;  
porque tem gente que tem esperança do verbo **esperar**.  
e esperança do verbo esperar não é esperança, é **espera**.  
**esperança é se levantar, esperança é ir atrás,**  
esperançar é **construir**, esperançar é **não desistir!**  
esperançar é **levar adiante**,  
esperançar é juntar-se com os outros **para fazer de outro modo....** (grifos do pesquisador)

E inspirados no “esperançar” de Paulo Freire, é que seguimos na nossa resistência pacífica e democrática aos golpes à democracia e a sociobiodiversidade brasileiras, a tentativa de venda da biodiversidade da Amazônia, a privatização da água e da energia, em nome dos interesses transnacionais.

Mais uma vez não é demais repetir, que embora políticos que não se fazem aqui presentes, se mostrem surdos ao clamor do povo brasileiro, jamais seremos calados, jamais seremos vencidos!

Nosso esperançar, a capacidade de construir e ir atrás dos educadores e educadoras ambientais desse país pode ser medida pelo mapa dos eventos pré-fórum da Consulta Pública do Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA.

Foram 263 membros, de 92 Cidades de 23 estados, mais o Distrito Federal, juntamente com a facilitação das 50 redes da malha da REBEA, que fizeram acontecer mais de 40 Pré-Encontros para esse Fórum que promoveram a consulta pública do ProNEA, e diagnóstico dos programas estaduais e municipais. Estes Pré-encontros mobilizaram o país, tanto que a Plataforma da consulta no ambiente **Participa.br**<sup>14</sup> registrou 5346 acessos e a inserção de 783 comentários na Plataforma.

O resultado da sistematização dessa consulta e das análises pelo Grupo de Trabalho e facilitadores dos relatórios de mais de 40 Eventos pré-forum, para visitar e aperfeiçoar o nosso ProNEA, e defender nossa Política Nacional e as Diretrizes Curriculares de EA,

---

<sup>14</sup> Acesse os resultados da consulta em <http://www.participa.br/programa-nacional-de-educacao-ambiental/consulta-publica-sobre-o-programa-nacional-de-educacao-ambiental-pronea-versao-de-2004>.

serão apresentados por região nas Jornadas e mesas dos dias 19 e 20, para que na plenária final seja aprovada a minuta da nova versão do Programa Nacional de Educação Ambiental - ProNEA.

O evento, e as instituições responsáveis – UNIVALI, UNIFEBE, Secretaria de Estado de Desenvolvimento Sustentável e Inovação, e a Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú, receberam a outorga do Selo Prima Mudanças Climáticas pela compensação das emissões de Carbono e outros gases do Efeito Estufa (GEEs) gerados no processo de produção do evento, as quais serão revertidas no plantio de 25 mudas de árvores nativas para cada instituição, as quais serão monitoradas e mantidas por 21 anos, até setembro de 2038, conforme termo de compromisso assinado nesse evento pelos representantes legais das mesmas.

Os 575 resumos aprovados pela Comissão Científica foram publicados na Edição Especial - Anais - na Revista Brasileira de Educação Ambiental – REVBEA, disponível para acesso em <http://www.sbecotur.org.br/revbea/index.php/revbea/issue/view/454>.

As apresentações das mesas e jornadas serão publicadas no livro “Diálogos de saberes e fazeres: Uma releitura dos 25 anos da trajetória da Educação Ambiental brasileira”, publicado pela Editora ICEP, o qual foi patrocinado com recursos de Itaipu Binacional, a qual expressamos nosso agradecimento.

Enfim, o IX FBEA e IV ECEA passará para a história da Educação Ambiental como um evento que contou com a coordenação de duas universidades comunitárias – UNIVALI e UNIFEBE - e o apoio das 51 redes que compõem a malha da Rede Brasileira de Educação Ambiental. Contou em seu planejamento e organização com 213 membros, que formaram as diferentes comissões e grupos de trabalho e 263 pontos focais nacionais. A programação contou com 130 convidados de instituições públicas e privadas de todo o país.

Essa mobilização ilustra muito bem o que nós educadores e educadoras somos capazes de construir juntos, em torno da defesa da vida, da Educação e das nossas políticas do campo socioambiental.

Enfim, nossa resistência democrática aos golpes à democracia e a sociobiodiversidade foi, e será lembrada, por cada um e cada uma das pessoas aqui presentes, mais de 1900 inscritos de todos os estados brasileiros e de 290 municípios que estão aqui hoje, ou se fazem representar, os quais, de alguma forma, participaram ativamente desse movimento.

Este movimento provocado pelo IX Fórum Brasileiro e IV Encontro Catarinense, que contou com a construção participativa e mobilização dos facilitadores das mais de 50 redes e coletivos da malha da REBEA, das CIEAs nacionais, do nosso Órgão Gestor, e dos quase 300 pontos focais, os quais tornaram esse evento possível, e uma realidade.

Sim, chegamos até esse dia histórico, e estamos juntos, sobrevivemos até aqui a esses tempos temerosos de crises, mas nossa luta pacífica e resistência continuam, e vão se fazer ouvir em cada mesa, jornada e encontro desse evento, demonstrando que a Educação Ambiental brasileira, que nós educadores e educadoras ambientais, estamos mais vivos, combativos e proativos do que nunca, porque como nosso querido convidado Prof. Carlos Brandão lembrou em nossas listas, uma grande ativista Marilyn Ferguson, em sua A “Revolução Aquariana”, criou uma versão feminina do nosso lema **“Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos!”**

Segundo ele, no feminino, a frase seria assim **“Nenhuma de nós é melhor ou mais inteligente do que todas nós,** e com certeza o I Encontro Nacional da Rede de mulheres ambientalistas da América Latina, que acontece aqui nesse hotel, amanhã pela manhã, vai deixar isso bem claro!

Nossa gratidão especial a Deus, as forças e energias dos elementos da natureza de Gaia, de Pachamama, e das tradições espirituais que abriram nossa celebração ecumênica da Paz, pois todas elas conspiraram para que esse evento acontecesse.

Nossa gratidão especial a nossa equipe de secretaria - Ananda, Paulo, Bruna Michaela, Eliane e Raquel -, meus queridos pesquisadores e pesquisadoras do grupo da Máfia do Guerra, e a minha amada Mara Lucia.

Finalizo com as palavras que só existem na língua portuguesa, meu muito obrigado e minha eterna gratidão a cada um e a cada uma de vocês.

Paz e Bem e sustentabilidade também!

Balneário Camboriú, 17 de setembro de 2017.

## Referências

BRASIL, Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Brasília, 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/113005.htm). Acesso em: 06 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Lei 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação – CNE. **Resolução n. 2, de 15 de junho de 2012.** Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília: MEC/CNE, 2012. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category\\_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 06 set. 2017.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. ProNEA Programa Nacional de Educação Ambiental. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental/programa-nacional-de-educacaoambiental/linhas-de-acao-e-forma-de-atuacao>. Acesso em: 06 set. 2017.

CORTELLA, M. S. Recusar a destruição da convivência digna! (valores inadiáveis). In PASSETTI, P. e OLIVEIRA, S. **A tolerância e o intempestivo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, p.169- 179, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Genealogia del racismo**. Tradução do francês para o espanhol de Alfredo Tzevebel. Buenos Aires: Editorial Allamira; Montevideo: Nordan-Comunidad, 1993.

FORUM Internacional de Ongs e Movimentos Sociais. Tratado das ONGs: aprovados no Fórum Internacional de Organizações não Governamentais e Movimentos Sociais, no Âmbito do Fórum Global — ECO-92. Rio de Janeiro: Fórum, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SAUVÉ, Lucie. Viver juntos em nossa Terra: Desafios contemporâneos da educação ambiental. **Revista Contrapontos** - Eletrônica, Vol. 16 - n. 2 - Itajaí, mai-ago 2016, p.288-299. Disponível em: <<http://www.univali.br/periodicos>>. Acesso em: 06 set. 2017.

*Submetido em: 17-11-2017.*

*Publicado em: 15-12-2017.*